

Calote vira arma contra a crise

Jorge Willian

ANDRÉA DUNNINGHAM
e LIANA MELO

No passado, deixar de pagar dívidas no prazo era motivo de vergonha. Hoje, o calote passou a ser praticado de maneira tão desavergonhada, e em escala tão ampla, no Brasil, que pode ser considerado uma verdadeira indústria. Seus praticantes são tanto pessoas físicas como jurídicas, muitas delas respeitadas e aparentemente idôneas.

Os números comprovam: de 169 empresas consultadas pela Arthur Andersen, 40% atestaram que, em 91, o calote aumentou, e apenas 5% falaram em redução. E, segundo o Banco Central, o número de cheques sem fundo cresceu 94,5% em relação a 1990. Foram 6.241.432 "voadores".

Este vertiginoso aumento da inadimplência, naturalmente, pode ser atribuído à crise econômica — tanto por fazer escassear o dinheiro como por servir de excelente desculpa para atrasos de pagamento que se prolongam indefinidamente.

Até os psicanalistas já começam a analisar o fenômeno. A freudiana ortodoxa Ana Maria Gonçalves, também vítima da

inadimplência, divide seus pacientes caloteiros em dois grupos: os que estão em crise devido ao empobrecimento e os que praticam o golpe a pretexto de serem apenas mais um elo desta cadeia de mau pagadores.

Conclusão: todo mundo (ou quase), deve a todo mundo (ou quase). No ônibus, o calote já é uma instituição; e agora, até o consumidor da classe média está comprando com cheque sem fundos. As empresas dão calote nos seus fornecedores que, por sua vez, deixam de pagar bancos e contas de luz. O índice mensal de inadimplência da Light já é de 37,56% para imóveis comerciais e 26,59% para residenciais. Já são 20% os assinantes da Telerj que não pagam a conta no dia de vencimento. E entre os consórcios de carro, 18,65% dos consorciados (170.828 pessoas) não estão em dia com a sua prestação.

A fraude generalizada já está fazendo surgir mecanismos de defesa. Trabalhadores autônomos estão renegociando prazos, enquanto empresas e escolas oferecem descontos para estimular o pagamento, numa tentativa — não muito bem-sucedida — de fechar as portas à indústria do calote.



Leila Victor, da Arteiras Edições, teve de esperar seis meses para receber Cr\$ 120 mil por 200 cartões-postais